



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CARTAS.

BRANCO Camilo Castelo e SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1990 | Número: 100

Como citar este documento:

BRANCO Camilo Castelo e SARMENTO, Francisco Martins, Cartas. *Revista de Guimarães*, 100 Jan.-Dez. 1990, p. 37-81

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



Cartas

Francisco Martins Sarmiento — Camilo Castelo Branco

Revista de Guimarães, n.º 100, 1990, pp. 37-81

[1]

Meu caro amigo

Recebi oito libras. Eu já não sei o que possa dizer-lhe. É também uma infelicidade.

O autor dos folhetins *Mdelle R.* é um tal Nicolau de Brito, de Lisboa.

Nesta semana vai para Lisboa o Basto do *Nacional* a fim de solicitar a brevidade da minha despronúncia. Espero estar livre no meado do mês que vem.

Estou a cair numa atrofia completa de corpo e alma. Não é desanimação — é doença, a velhice extemporânea, chamada pela desgraça.

A D. Ana vive melhor e mais esquecida.

Seu do coração.

Camilo

Cadeia

18 de Novembro de 1860.

* * *

[2]

Meu prezado amigo

Cheguei de Lisboa há 8 dias. Procurei os S.S. Padres. Apenas o Bertrand e Borel se encarregaram de procurar nos seus armazéns, e enviar-me a Relação dos que encontrassem. Disseram que há hoje muito quem os procure. Isto é incrível! A religião cristã e o latim caíram, e os santos padres sobrevivem! Brevemente lhe darei conta do que eles me transmitirem.

Parece-me, meu caro Martins, que você passou por alto, no catálogo grande, uma colecção de raros livros respectivos às polémicas e controvérsias sugeridas até ao 4.º século da igreja. Como sabe, os escritores cristãos não fizeram mais que combater os heresiarcas e particularmente os gnósticos que sobre a filosofia de Platão arquitectaram os absurdos sistemas que os santos padres combateram com bem fraco pulso quase sempre. As lutas principais e para assim dizer compendiadas em livros mais maneiros e bons para estudo, encontra você nos artigos que lhe vou indicar nos livros latinos e gregos. Não se lhe figure sugestão mercantil esta observação. É que eu, vendo os altos preços que tais obras têm no Brunet e nos Catálogos franceses, sinto que afinal os livros vão para fora, e você um dia haja de os comprar por alto preço, ou prescindir de os possuir. Repare portanto nos números: 16, 49, 51, 61, 88, 90, 137, 138, 152, 172, 196, 224, 232, 233, 238, 283, 284, 296, 302, 320, 344, 346, 369, 379, 397, 402, 407, 408, 453, 454, 455, 503, 506, 532, 569, 590.

Estes livros, feito o abatimento de 20% (operação que eu lhe ensinei a fazer com admirável nitidez) importam em 37\$850.

Vou mandar vir do Porto os Plutarcos para lhos enviar daqui. Por essa ocasião lhe enviarei uma raridade: *Illustrium miraculorum et historiarum memorabilium* do Cezario, 1605. É a colecção dos falsos milagres do 5.º século da igreja. Este livro foi abafado pela Santa Sé.

Possuo o exemplar de Alcobaça, que pertenceu ao Deão do Funchal, confessor da Imperatriz, ultimamente falecido.

Adeus. Como vão lá os ladrões duplamente domésticos?

Seu muito grato.

Seide, 12 de Novembro de 69.

Camilo Castelo Branco

* * *

[3]¹

Meu amigo

O Vieira de Castro! Você não acredita se eu lhe disser que estou persuadido que o seu biógrafo matou a mulher para fazer estilo? É o estilo da família, que ou se mata em lambadas e tiros de bacamarte, ou em verrinas por onde escorre a secreção da vírus rábica. Creio que vem tudo a dar na mesma.

Depois deste facto, eu não dormia com ele no mesmo quarto, sem dois pares de pistolas à mão.

O preto de Veneza não matava esta mulher, sabendo-lhe os precedentes, não teria casado com ela. No preto de cá nem sequer há lógica.

Nem falemos nesta desgraçado. Eu creio cada vez mais nas bossas.

A troca de livros que lhe propus já não tem lugar. Eu supunha que a "*Biblioteca Maxima Patrium*" continha todas as obras que lhe tinha comprado e, para as não ter em duplicado e desatulhar as

¹Sem indicação de data ou lugar. Escrita depois de 9 Maio de 1870, data em José Cardoso Vieira de Castro, biógrafo de Camilo, matou a mulher.

minhas estantes que já transbordam, fiz-lhe aquela proposta. Enganei-me. Faltam naquela colecção obras principalíssimas, e, entre outras, quase todas as que lhe pedi.

Com o que eu fico, se ainda as tem, são as obras dos oradores gregos (Lipsias, etc), porque o exemplar que lhe comprei é greguíssimo. Traduções, tem-nas apenas de 4 ou 5 discursos.

Sempre vai para as Taipas?

Este ano não vou eu; mas para casa de minha irmã. Hei-de ter 3 meses de Leça. A compensação não é boa.

Indo para as Taipas, como Guimarães fica mais perto que Seide, querendo alguma coisa, diga-o, e avise-me quando for, que o quero ir ver.

Seu amigo
F. Martins

* * *

[4]

Meu amigo

O periódico foi suspenso? Há 15 dias que não o recebi, nem vi a conclusão do romancinho. Peço-lhe que dê ordem para que mo remetam, se ele não terminou.

Estive em Lisboa 8 dias. Vim mais doente e mais descoroçoado da cura. Consultei toda a mestrança. Mandam-me esperar.

Seu do coração.
Camilo Castelo Branco

Porto
26/3/71

* * *

[5]²

Meu amigo

Ora viva Deus! A Citânia tem já feito escrever muita folha de papel; mas quem comparar o que está escrito vê que tudo é repetição das primeiras notícias e que os nossos bons arqueólogos, alguns dos quais visitaram as ruínas e tinham à vista as fotografias dos principais achados, não adiantaram um fragmento de ideia. Você que nem viu a Citânia, nem fotografias, vem apresentar-me o Deus Camal! A minha opinião é também que Camal é o Camul céltico. Já quando propus a lição de *dux (arg)*, andava comigo às voltas esta ideia, e numa correspondência particular que tive com o Soromenho, embirrando ele que Camal não passava de um oleiro e que *arg Camal* devia ler-se: *Argeni* ou *Argentarii Camali* (oficina), eu lhe repliquei que só deixaria de considerar Camal um *Dux (civitatis)* para o considerar um deus. É célebre que a sua carta chegou no momento em que eu estava a redigir parte de um relatório, em que estabeleço as provas da divindade de Camal. Um relatório! você sabe que o Caldas, de Braga, me forçou quase a subscrever à bexiga de uma conferência de Sábios na Citânia, entre os quais ele promete fazer figurara o arcebispo de Braga! Deixemos a caricatura.

Nos meus dicionários célticos *arg* significa: *champion (dux, princeps)* e também Marte. Como adjectivo: famoso, etc, tendo a raiz sempre consigo a ideia de realeza e de distinção, etc. Nunca pude aceitar *Arg* como uma abreviatura de um pronome, porque nunca vi Camal senão usado como pronome. Restava escolher entre o *dux Camal* e o Deus Camal com o epíteto de *arg = fors (Forti Marti), Forti Camulo*, das inscrições) ou coisa parecida O que me fez decidir por

²Pela referência a Camal, vê-se ser anterior a 1878.

esta última lição foi- 1.º que o nome de Camal aparece gravado numa lage ao pé de uma figura inegavelmente simbólica:

2.º que na casa, onde apareceu uma padieira (?) ornamentada com o mesmo monograma CAA, apareceram umas poucas de pedras com labores, iguais aos da parte superior da «Pedra Formosa» -**lavo****res que não aparecem em mais parte nenhuma**. Ora, segundo as indicações de Argote, a Pedra Formosa devia ter existido muito perto desta casa e a Pedra para o informador de Argote, o bispo de Uranopolis pretendia a umas ruínas que parece serem de templo. Esta última informação não tem senão o valor de uma opinião pessoal; mas a circunstância de haver só nesta casa pedras ornamentadas como a Pedra Formosa parece-me muito importante. Camal tem relação com a Pedra. Para mim é indubitável. Mas o que diabo é a pedra formosa? O Possidónio diz que uma estela funerária, e o Caumont, nada menos que o Caumont, foi da mesma opinião, quando lhe fizeram a consulta com uma gravura do monumento à vista. Apesar de tudo, não creio. Que a pedra existia dentro do recinto de muralha (do primeiro recinto) é fora de dúvida, e todos sabemos que era pouco comum aos povos antigos o fazerem necrópoles intramuros. E, se na Citânia se estabelecesse uma alteração a esta regra, em vez de um monumento funerário, haviam de aparecer muitos, embora menos luxuosos. Se a Pedra fosse uma ara, excelente. O seu tamanho, que também contradiz a interpretação dos Possidónios, podia servir para imolação de um boi; mas os labores de que ela está coberta farão duvidar de que tivesse tal aplicação. Que é um monumento religioso, para mim é de fé; que tinha relação com Camal, também; mas, por mais que tenha procurado, não encontro altar antigo, com que possa identificara famosa pedra e pôr em relevo a divindade de Camal. Quanto à

pequena diferença entre Camal e camul, isto nada vale. Temos *Camulo-dunum* e *Camalo-dunum*, que se entendem ambos ser -cidade sob a protecção de Marte (céltico). Em todo o caso diga-me onde leu: - que eles (celtas "conservaram três deuses principais que denominaram réis ou chefes (*arg*)". O seu texto diz expressamente: *arg*? Isso convinha-me.

A grande antiguidade da Citânia parece-me incontestável; mas também me tem dado que fazer o texto de Vitruvius que diz "serem os materiais das casas da Lusitânia e da Hespânia (sic)" madeira, barro e colmo, e nada de pedra. Deste modo as casas de pedra da Citânia seriam posteriores a Augusto. O arquitecto romano mente de certo. Se os romanos viessem ensinar os citanienses a construir casas de pedra, não seriam casas circulares, com soleira alguns palmos acima do nível do chão, paredes sem cimento, nem cal que nós veríamos naquela ruína; porém é certo que um texto tão positivo, ainda mesmo que se prove que na Britânia existiam construções de casas de pedra, inegavelmente pré-romanas, dá que entender.

É verdade que tudo isto ajuda a passar o tempo e por isso agradecemos ao Deus Camal o mimo destes enigmas.

Seu amigo e obrigado
F. Martins

* * *

[6]

Caríssimo

Se se não tratasse de coisas sérias e religiosas, começaria por dizer que me faz rir com o pintor Guia. Mas Camal não pode esperar. Se você se lamenta uma vez da sua ignorância, eu lamento-me uma

dúzia. Tenho pedido aos livreiros do Porto, Coimbra e Lisboa alguns remédios contra o meu mal; mas estes malditos ou não conhecem ninguém no estrangeiro, ou andam a caçar comigo. De não sei quantas dúzias de livros que tenho pedido, entre os quais a *Mythologic and rites of the British* etc, apanhei, e talvez por acaso, 7 ou 8 ! Isto quase que enfurece a gente.

Do que tenho lido sobra as matérias sujeitas -a tolices- tiro eu que você não trilha o melhor caminho, atribuindo à religião céltica uma origem fenícia. Nunca li o culto dos «*Culto das Cabires*» do Pictet, porque com a notícia da obra veio-me logo a notícia de que o autor a renegara. O que até agora tenho lido de melhor sobre as origens célticas é *Ethnogénie Gauloise* do Belloguet, e esse, como alguns outros de boa nota, rejeitam absolutamente o semitismo da religião céltica.

Quanto ao Camal, Maury colige os textos epigráficos que demonstram ser este deus o marte dos gauleses. O que me parece vir do céltico Cam = forte. A figura que lhe garatujei entra decerto na lista dos sinais misteriosos, de que fala H. Martin e outros - elipses e círculos dobrados, e que o nosso celtista dizem ser exclusivamente célticos (o que outros contestam). Atrás de alguma obra, que me reproduza estes sinais, corro eu há muito, de balde. Círculos concêntricos, exactamente como os da Citânia já os vi numa gravura da *Revue Archeologique*, mas o que mais me importava era encontrar uma figura elipsóide e cortada pelo travessão, que lhe pintarolei, e saber principalmente o que ela representa. Nada feito. Não me matarei por isso. As escavações ainda estão muito atrasadas e por ora é temerário aventar hipóteses e arriscar teorias que qualquer caco amanhã pode destruir. Mas que a Citânia é coisa antiquíssima e curiosa, você se enganará, logo que a visitar. Também só então é que melhor poderá estudar a Pedra Formosa - e conhecer se sobre ela se podia imolar um Soromenho ou um boi.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins

* * *

[7]³

Meu caro amigo

O Tomás Ribeiro nada mandou dizer quanto ao despacho do Berrance. Talvez mais poderosa influência o despachasse. Fosse quem fosse, o que eu muito desejo é que ele não se arrependa. Eu imagino doido sem intervalo lúcido quem troca por Timor Guimarães — a casquilha.

Estou completando uns *Comentários* a um *Cancioneiro Alegre* de portugueses e brasileiros. Veja que disparate na velhice! Se você chegar a ler o livro, compreende logo que eu quis fazer supurar um furúnculo que me incomodava, e receava *que ele me rebentasse por dentro e eu morresse sem saber-se de quê*, como dizia o Hamlet.

Boas festas. Eu estou na cama a ver como se estorcem os braços dum carvalho que geme como um diabo precipitado do inferno de cima para o inferno de baixo. O céu assim não convida. Chamam-lhe os vates *o azul*. Aplique a estes coloristas as melhores coisas de Gil Vicente.

Do seu do coração
Camilo Castelo Branco

* * *

30 Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses e Brasileiros, de que fala Camilo, foi editado em Abril de 1879.

Briteiros
23/5/79

Meu amigo

Se o elmo do mono de Knaresborough se parece com o de Viana, a sua observação afigura-se-me mais que justa. Teríamos o Arnaldo da Rocha consubstanciado numa estátua galega. O escudo galego ficava na barriga dos monos, mas em relevo, de boas duas ou três polegadas, quando não andou nele cinzel ou pico do Rocha. O seu diâmetro regula de 0,48 a 0,50. O do meu galego de Fafe é um pouco mais curioso, porque é cava foras, e corresponde exactamente à descrição que Estrabão faz das rodela dos lusitanos -pequena rodela, de dois pés de diâmetro, cava foras. Lusitanos e galegos eram, segundo parece, a mesma gente, com certeza na opinião do geógrafo. Quase todas as estátuas têm as pernas cortadas, ou pelos joelhos, ou pelo meio das canelas. A altura da de Viana, segundo as medições do F. da Guerra tem 1,70. Juntando tudo isto, explique por que eu embiquei que você dissesse: "Nesta figura está esculpido da cintura até os joelhos sobre o saial da armadura o escudo dos Rochas etc".

O que é pena é que a nota, relativa à obra que o abade mandou fazer no monstro não esteja datada. Ainda assim é preciosa e o nome de Maxidónia também não deixa de ser curioso. Este ano tenciono ir para Âncora e procurarei da Serra d'Arga e que tais.

Se você não se sente com forças de ir à Citânia, não venha cá. As explorações têm um tal ou qual valor e por isso o convidei. Enfim, é uma novidade que merecia um sacrifício. A não ser por isso, não se arrisque. Eu dantes compunha uma estrada que trazia a gente das Taipas a Briteiros, sem lhe quebrar as costelas todas. Estes brutos conseguiram fazer dela barrocais, e depósito de pedregulho e eu jurei não gastar mais cinco réis com tal caminho. Os dois Sampaio que já o ano passado arremeteram a ela afiançam, com exagero, é verdade,

que nunca viram nada pior. Estou quase incomunicável, como o gentio do Barroso. Quando vou a Guimarães atravesso pela estrada de Lanhoso, que fica a alguma distância, e vou a pé, obrigando as minhas visitas a fazer o mesmo. Com um burro tudo se arranja; mas se você se sente doente, não caia em meter-se nestas brenhas, se o não enfurece o amor da arqueologia. Em todo o caso, vindo, avise-me, porque eu ando sempre por montes e vales. Seu amigo muito obrigado.

F. Martins Sarmiento

* * *

[9]

Briteiros
6/6/79

Meu amigo

Não lhe agradei mais a tempo seu livro que tem notícias curiosas sobre a antiguidade de um país com muito estreitas relações com o nosso, porque queria na minha carta responder ao seu convite. Escrevi para o director da tal Revista Académica, mas até hoje nada de resposta. Duvido que a carta se extraviasse, mas também não explico

o silêncio do homem. Enquanto a resposta não vier, fico de mãos atadas.

O Filipe Simões acha a sua descoberta de grande interesse; mas diz-me que a leu no Diário ou Jornal da Manhã. Será extracto que o jornal fez da Bibliografia, ou você escreveu para lá alguma coisa, que contenha alguma coisa mais que a notícia da Bibliografia? Como você é bom latinista, nas horas vagas diga-me o que pensa do seguinte:

*Ab insulis Oestrymnicis lemrum audeat
Urgere in undas, axe qua Lycaonis
Rigescit ætra, cæspitem Ligurum subit
Cassum incolarum; namque Celtarum manu,
Crebísque dudum proeliis vacuata sunt:
Liguresque pulsí, ut sæpe fors aliquos agit,
Venere in ista, quæ per horrentes tenent
Plerumque dumos: etc.*

(Avienus, *Ora Marítima*)

Ou eu estou tolo, ou os grandes sábios. Eu entendo que é claro, como água, que **ista** (se lugar) não podem ser senão as Ilhas *Oestrymides*; mas não o entendem assim alguns eruditos de polpa. No entanto, mencionam-se aqui dois lugares unicamente -as ilhas *Oestrymides*, e a terra abandonada dos lígures, e erma de habitantes. Como é que estes lígures podem vir para a terra abandonada e erma de habitantes, e ainda para ir ocupá-la? A sua velha pátria eram as regiões geladas da Ursa; expulso daí pelos celtas, vieram para as *Oestrymides* que ocuparam (*tenent*) na data do documento, aproveitado por Avieno. É o que me parece sem réplica. Pesar de todos os pesares, diga-me o que entende, se está para isso.

Seu amigo e obrigado,
F. Martins Sarmiento

* * *

[10]

Meu amigo

Já perdi algum tempo com a inscrição de que me fala, e por fim desisti. O Soromenho, a quem consultei, chegou apenas até o ponto de decidir que ela não passava do século XV ou XVI. O único que matou o enigma foi o Pereira Caldas. A inscrição diz: este é o fecho. A pedra era um fecho de abóbada e por certas letras que agora me não lembro sabia-se quais as pedras que ligavam com o dito fecho. Isto é tão bom, como o *boltrecan* e o beltrão.

Veja se lhe se servem as seguintes observações:

1º a inscrição não é da Citânia. Isto mesmo disse eu sempre às pessoas, a quem mandei fotografias da inscrição. A pedra, em que ela está insculpida, servia de pedestal a uma cruz (cruz que, há muito, desapareceu), no adro de Santo Estevão de Briteiros.

2º Como verá da cópia que lhe remeto, tirada sobre o *cliché* fotográfico, o gravador da Academia (a Renascença apanhou as gravuras da Academia, de certo por contrato, e reproduziu as explicações das gravuras, dizendo terem sido dadas por mim -peta, que o Araújo me diz que vai justificar num número da Renascença que está sofrendo um laborioso parto) deturpou, como pode, a inscrição.

3º Por Santo Estevão e imediações não há lugarejo que possa mesmo rimar com o último nome da inscrição. O nome velho da freguesia era Santo Estevão de *Silva Escura*.

Nos arquivos da igreja nada há que se aproveite. Nos da mitra de Braga deve haver muita curiosidade; mas tudo aquilo está de certo num caos. Nem mesmo pude apurar o nome de um abade de santo Estevão, que desejava conhecer.

Você, em vista da cópia que lhe envio, reforma de certo a sua interpretação, e, se a decifrar, dê-me parte. Eu nem para trás, nem

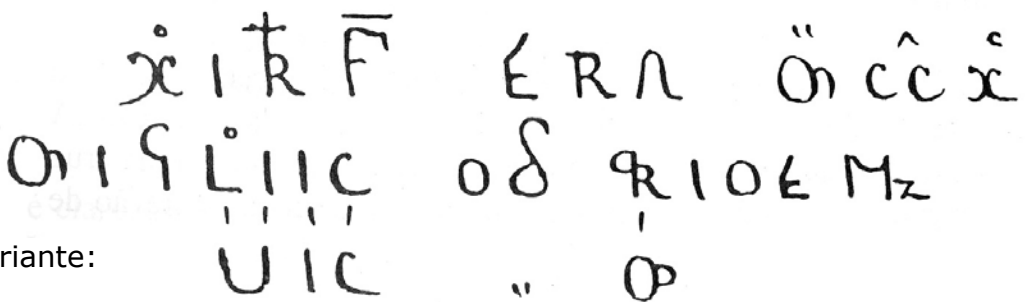
para diante. Começo por não conhecer os caracteres, que aliás estão muito distintamente gravados.

Recebo agora a sua segunda carta. Não há sinal de til na inscrição, e creio que as 3 últimas letras da 2.^a linha e as da última formam um nome só.

Ninguém me soube dizer donde veio a pedra, nem se o seu destino foi sempre o de pedestal.

Estes monumentos são um pouco mais indecifráveis que os da epigrafia romana.

Quer ver outro exemplo? Há na porta travessa da Igreja de S. Martinho de Candoso uma inscrição, em que já naufragou a ciência do Soromenho e do Filipe Simões:



Lia o Soromenho: *//Kalenda Februari, era 1210...* e mais nada; e o Pinho Leal: *Petro Leão obrou (fecit?) na era de 210*, palpitando que faltava o milhar, que lá está representado pelo . Tal seria a cópia que lhe remeteram! Querendo mais explicações é falar.

Seu amigo e obrigado
F. Martins Sarmiento

* * *

Meu amigo

A cruz do escandaloso pedestal era lisa, como todas as outras, segundo me afirmou um padre daqueles sítios. Quando eu, pelo sim, pelo não, quis tomar conta dele, pedestal, do padre, nada, disse-me o mesmo padre que o podia levar, porque a pedra era dele, ou antes da sua família, como outros cruzeiros o eram de outros sujeitos, que os tinham dado à freguesia. Foi preciso que nos acompanhasse um míope que descobriu numa clareira de musgo **ozo**. O travessão inferior do **z** de **Dozo** estava coberto de musgo, como a primeira letra.

Quer que lhe diga agora o que percebi de tudo isto?

É que não temos aqui senão o nome e sobrenome (este talvez Cardoso) do devoto que deu o cruzeiro. Esta ideia, boa ou má, veio-me, quando mais tarde, dei com outro pedestal sem cruz, no adro de S. Salvador de Briteiros. Aí os nomes e apelidos são, como a ortografia, muito mais conhecidos, tanto no pedestal de que falo, como noutros ainda em actividade; mas grava-se também somente o nome do doador e às vezes o ano, em que a coisa foi dada.

Em Santo Estevão, só o pedestal de que falamos tem inscrição e já se vê que os caracteres são muito mais antigos; porém, se não erro, quem lhe está a moer a paciência é um Barbosa Leão qualquer que usara de uma gráfica em harmonia com a sua ortografia sónica. Um lapicida assim grava uma inscrição sânscrita sem o saber. Não sei se nas aldeias se estropiam mais os nomes que nas cidades. Por Briteiros Baltazar é *Boltezar*, e, se eu apanhasse um z antes das duas últimas letras do primeiro nome diria ao Hübner que se é = T, era masi decente ler *Bolthefar*, do que *Boltreran*; a última letra mais depressa pode ser r que ñ, como o de Cardozo.

Seja como for, dado que o padre me afirmou que a pedra era dele, ou da sua gente, e que tais letras nunca tinham chamado a atenção de ninguém, entendo de mim para mim, que a inscrição tinha

apenas um interesse para os paleógrafos. O apelido da família é Macedo, mas também dantes me conheciam por Martins, e hoje por Sarmento, ou Saramento.

Salvo o erro, você, para decifrar o enigma, tem de andar mais terra a terra.

Não adoeça. Prometeu-me uma visita, há muito tempo. Se tem medo de subir o monte, arranjo-lhe um burro arqueológico que o leva lá mansamente. Na segunda próxima vou para Briteiros, tente-se.

Seu amigo e obrigado,
F. Martins Sarmento

* * *

[12]

Briteiros
4/8/79

Meu amigo

O folheto pouco o esclarecerá, porque as observações são magras e as minhas não deviam ser mais gordas. Se puder realizar a promessa que fiz de uma publicação com gravuras, então ficará mais adiantado; mas o diabo do livreco desanimou-me; se as gravuras que ali dou custaram 50 e tantos mil réis, aonde chegaríamos com perto de 200?

Enfim... não pensemos nisto.

Agradeço o seu livro e vou vendo que estes senhores ingleses têm de tudo, sem fazer bulha. O poema já era muito do meu conhecimento, tanto pelo Avieno, que o traduziu, como pela excelente edição de Didot-Müller; mas esta edição tem realmente merecimento e de novo lha agradeço.

Vou para Âncora nos meados de Setembro, e estou bem morto por isso por ser sinal de estar livre de trabalhos fotográficos, que me têm moído e que aborrecem a mais não ser. O incêndio limitou-se a empalmar-me uma pequena câmara-escura, que substitui por outra, e a coisa se tomasse maiores proporções, do que não estive longe, levava-me a casa de Briteiros e não as choupanas da Citânia.

Da sua saúde é que me não diz nada. Quero crer que está bom, muito bom.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins Sarmento

* * *

[13]

Briteiros
18/8/79

Meu amigo

Os Penas estão a estas horas a escrever folhetins contra o autor do Macário, e você de certo estima isso, para poder moê-los e remoê-los. O que eu achei precioso foi a galeria dos amigos e não amigos do Prior do Crato. Que serviços podia fazer naquele campo! Infelizmente o nosso público é o nosso público, e talvez os editores lhe fugissem se continuasse neste caminho.

Uma pergunta que já quis fazer-lhe, há muito. O que você diz do Soromenho, não me lembra agora onde, é irónico? O homem realmente havia de ser necessariamente ingrato, ou não tinha a flexibilidade que muita vez exigimos de certos amigos? Eu queria assentar um juízo sobre o carácter daquele homem, que teve os mais ferozes necrológios que tenho visto; mas ainda até hoje não consegui tirar nada a limpo.

E deixei para o fim os agradecimentos pelo exemplar da "História e Sentimentalismo", que me deu duas horas muito agradáveis. Portanto, dois agradecimentos.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins Sarmiento

* * *

[14]

27/9/79

Meu amigo

Recebi o seu livro, mas debalde procurei o seu autor pelas praias de Gontinhães -que- diga-se de passagem, são uma linda coisa, e inapreciável para quem, como eu, reúne as duas manias de pescador de trutas e de coisas velhas.

O hábito de S. Tiago deu-me o trabalho de requerer a renúncia da mercê. Eu dou realmente pouco apreço ao farrapo, e estimei deveras que em letra redonda se tivesse já dito que o governo (do Ávila) mo

recusara, para agora pagar na mesma moeda, sem que o meu proceder fosse olhado como orgulho, ou pior.

O Eusébio Macário, pelo que tenho visto, deixou na sombra o bosquejo histórico que o acompanha. Era claro. Mas também o diabo do romance é um *bijou*; e a melhor crítica que vi sobre o seu trabalho é a do lápis do Bordalo Pinheiro -pena é que não possa aparecer no Boletim de Chardon.

E você a dizer que está doente. Não é possível.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins Sarmiento

* * *

[15]⁴

Meu amigo

Vou ler a *Citânia*. Agora sim, leio com confiança. Ouvi falar num incêndio que devorou a barraca das máquinas fotográficas! O seu cigarro continua a destruição de Almansor. Envio-lhe um livro que achei entre os meus enquanto os andava catalogando. Você dá-se à geografia antiga. Pode achá-lo aproveitável; e, se não sabe perfeitamente o grego, aí tem um estímulo. A interpretação latina desanda para a geografia moderna. O que lhe acho melhor é os Mapas. Estou catalogando a 4\$ vol. para, passado algum tempo os leiloar. Meus filhos são ignorantíssimos. Logo que eu feche os olhos, vendem

4As Observações à *Citânia* do Sr. Doutor Emílio Hübner, de Sarmiento, a que se refere o texto, estão datadas de 25 de Março de 1879.

isto às mercearias. Do produto da venda hei-de tirar a quantia que lhe devo, e não morrerei insolvente e insolúvel.

Quando vai para o mar?

Do seu muito grato amigo
Camilo Castelo Branco

* * *

[16]

Gontinhães
24/10/79

Meu amigo

Pelo que vejo dum jornal de hoje, esteve o autor do Eusébio em risco de jogar a espada com um lisboeta. Se os que do Brasil lhe acenam com um cerquinho fossem dos humores do Cipriano, estava você bem servido! Mas é certo que as suas tosquias de Camelos são uma obra de caridade: esta gaiatada literária faz realmente dó e asco.

Santos cacos e penedos, que sois de uma leitura, pelo menos limpa e decente.

E, a propósito, obrigado pelas palavras, um pouco exageradamente lisonjeiras, do seu artigo.

No fim do mês retiro para Guimarães, onde estou ao seu dispor. Vou com saudades destes sítios, que para os maníacos como eu são inapreciáveis; cada vez descubro mais velharias e mais trutas. Imagine.

Tenha a saúde que lhe eu desejo, que terá a bastante para si e para todos os seus.

Seu amigo obrigado.
Francisco Martins Sarmento

* * *

[17]

Meu prezado amigo

O proprietário do *Jornal do Porto* é um Cruz Coutinho que há 24 anos foi meu editor. Roubou-me e eu chamei-lhe ladrão, e nunca mais o vi. Eis os laços de amizade que nos prendem.

O *Comércio do Porto* está cheio de escritores que há pouco tempo o R. Guimarães (Visconde de Benalcanfor) não conseguiu que lhe pagassem 4 folhetins mensais; apenas obteve que lhe admittissem 2. Ganham 6 contos anuais, e resolveram não repartir com ninguém, a não ser forçados e regateando.

O Roque vem mal norteado para o Porto, para onde toda a literatura menor de Lisboa envia o seu espírito por pouco mais da estampilha. A literatura em Portugal é a fome do Ceará; que a falar verdade, eles, os literatos, criminosos de ignorância supina, merecem o suplício de Ugolino, muito mais inocente.

Cá vi o hábito de S. Tiago nas folhas; e vi também o seu sorriso rabelaico.

Depois de amanhã tenciono vê-lo.

Do seu amigo obrigado

Camilo Castelo Branco

Seide
18/9/79

* * *

[18]

Guimarães
26/11/79

Meu amigo

Não me tenho descuidado dos seus Cantos.
Um dos Cantos, que atirou às ortigas escreveu-me isto que verá.
No fecho da sensaboria talvez encontre alguma coisa aproveitável.

Se os Cantos de Guimarães se esqueceram da sua árvore genealógica, pode ser que o mesmo não acontecesse aos seus parentes ilhéus e por aí.

Seu amigo e obrigado.

F. Martins Sarmiento

* * *

[19]

Guimarães

14/2/80

Meu Amigo

Li de um fôlego o 1.º fascículo dos seus *E. Humorísticos* e, se senti alguns zurzidos, ao ler as espanholadas que me dirige, e cuja intenção agradeço, como pode imaginar, a tudo o mais bati as palmas com entusiasmo. Diabo! nós necessitamos de um azorrague de Juvenal, e ninguém como você para o manejar.

Recomendo-lhe a justiça do nosso país e a cáfila de parasitas que comem à farta na manjedoura do orçamento, mas principalmente a justiça.

Entre nós há casos como este. Um abade de qualquer parte faz um testamento, em que deixa seus legados a Tomé. Os herdeiros do abade abafam o testamento e queimam-no. O Tomé denuncia-o crime o juiz procede e leva à última evidência -disse-mo ele- que o crime foi cometido. Sabe-o por confissão da própria ré. E vai o juiz folhear o Código Penal e não... encontra pena para a subtracção de um testamento. Segundo a doutrina corrente, não pune - não há criminoso, e... ergo Tomé teve de pagar as custas. Que dizer: há 27 anos que se pode aniquilar um testamento nas barbas dum juiz muito impunemente.

Outra. Duma herança que não atinja os 50\$, não se paga transmissão. Uma pobre velha tinha um cordão de ouro que pouco valia e para o deixar em memória à ama, caiu em fazer testamento, com medo que um irmão viesse lançar a mão ao cordão, que valoriza 8000 réis. Morre a velha. A herdeira tem de dar certos passos para evitar que lhe denunciem o testamento e o risco de pagar 20\$ de multa. Os passos importam em perto de 5,000, mais de metade do valor do cordão. Etc.

Espreite você os pequenos quadros realistas de uma aldeia e verá o que por aí vai. Fazem-me asco os democratas impressos com a sua estúpida retórica, sem sequer ver até que ponto o seu querido povo é escravo e de quem. Que demónio! esqueça esta tirada; mas não sei

como veio a propósito bulir numa ferida velha, que me causou verdadeiras fúrias de indignação.

Tomemos um calmante de arqueologia. Lembra-se do "beltrão" da inscrição do Santo Estevão, com que você andou também a contas? Numa última publicação do Hübner sobre a Citânia, e sua decifração é Balthazar Cardozo. O epigrafista salta por cima do **z** que pode atrapalhar outro qualquer.

Ouvi que esteve incomodado. Melhorem-no os deuses e esmague-me a canalha.

Seu amigo obrigadíssimo.

F. Martins

* * *

[20]⁵

Meu prezado F. Martins

O pior é a falta de saúde; que a santidade da maledicência tenho-a eu como um Paulo no Areópago de Atenas. Que saudades eu tenho dos meus dias em que trabalhava 10 horas! Hoje, sempre na cama, escrevendo a lápis, e de costas, isto, além de plasticamente ridículo, é incómodo. Fui ao Porto, onde estive 4 dias à espera dos prometidos emissários dum tal Rutte, marido 3.º da princesa Rattazzi. Quis prevenir que aqui viessem alvoroçar-me a família, como há pouco sucedeu com os enviados dum tal Jardim. Afinal, retirei-me nem mais são, nem mais podre do que fui. Veja a 2.ª edição do meu folheto Rattazzi — Não lho mando por que não o tenho.

Estou a ver se esbandalho a família de *Eusébio Macário*. As minhas cães pejam-se desta brincadeira. Tomo nota dos funcionários que me recomenda. Aí, agora está um juiz muito ortodoxo; decerto não foi ele que esbulhou o herdeiro do abade, ou por isso mesmo o esbulhou.

5De Abril de 1880, altura em que esteve iminente o duelo referido na carta.

Do seu amigo
Camilo Castelo Branco

[21]⁶

Meu amigo

O seu opúsculo está tão sobriamente erudito e tão modestamente triunfante sobre o preconceito do nosso celtismo, que não parece escrito por um português. E, por isso mesmo, agouro-lhe uma ovação de silêncios que o há-de estimular a escrever outros. Eu é que sei o que se lê e aplaude neste país de idiotas: são *Eusébios Macários*. escrevi um *Luís de Camões, substractum* de muita leitura comparada. Pareceu-me que dei um passo além do que estava escrito. Como fui de encontro à ignorância pública e à parlapatice lusa, ninguém disse palavra. Estavam todos os periodiqueiros confederados nas asneiras que eu corriji. Estou contente, ainda assim. Quando me fizerem o meu tricentenário hão-de lembrar-se do meu opúsculo. Se o embalam análogas esperanças, felicito-o.

Cá vou lutando com as desgraças domésticas.

O meu filho Jorge, um rapaz que eu adorava, endoideceu. Tem 17 anos. Que noite quando lhe apontava a aurora! A paciência também é um suicídio lento. Refugio-me no trabalho; mas não vingo amarrar o espírito à galé.

Do seu muito grato
Camilo

* * *

6Junho de 1880.

[22]

Seide
9/3/81

Meu amigo

Enquanto você compulsiva e exercita estudos austeros e conspícuos como um tudesco *pur sang*, faço eu literatura de *estaminet*, de cabotagem indígena, com todas as farandolagens sujas, meridionais. Você interpreta os mitos de Avieno; eu escodeio o Alexandre da Conceição. Somos ambos necessários à harmonia do Cosmos.

Vou ler de vagar o seu livro. Recebi-o como um descanso, e uma nesga de relva limpa onde me recosto à orla deste lamaçal em que me rebalso.

Escrevi a *Corja* e fiquei associado nela.

Do seu amigo muito grato
Camilo Castelo Branco

* * *

[23]⁷

Meu amigo

Os Laphitas, Lapitas... também já embirrei com os Lapitas de Panóias "...*omnibus que numinibus et lapitearum..*" não pode ser. Este latim é tão feroz como o outro: «*Dūs cum hoc (templo?) et lacum...*»

7 É de 1880, como se infere da referência a Pereira Caldas.

Isto não é nada; e palpito que uma boa cópia das inscrições (se a cópia completa for possível), há-de demonstrar. Além de que, quanto a Laphitas, nunca vi que estes selvagens chegassem a ter honras divinas. Se seu sobrinho ganha a mania da arqueologia e toma à sua conta Panóias, pelo que me tem contado destas ruínas, está mais rico do que eu com a Citânia e você com o Castelo de Vermoim. A verdade é que a minha Citânia não passa de um choupanal muito antigo e muito curioso que o Pereira Caldas prometeu desacreditar com a sua charlatanice. Há-de ver o que sai do congresso dos sábios, convocado pelo sábio professor que se contentou com ver a Citânia pelo óculo da minha máquina fotográfica. Ainda lá não foi! E a minha maior miséria é que tenho de andar de braço dado com aquele Arcade! se eu não conseguir adiar indefinidamente a conferência -o que eu muito desejava. Antes queria receber os sábios a dois e dois e em mangas de camisa, do que ter de entrar na comédia, que sabe. Que lembrança ! Os convites chegaram à Itália, Alemanha ... para ver um choupanal, como há dúzias por outras partes! Não pensemos mais em tal.

Sabe-me dizer o valor que tem um tal *Laymundus, De Antiquitatibus Lusitaniæ*, citado por Fr. Bernardo de Brito? Já viu o calhamaço latino? Tanto o frade como outros citam-nos factos da nossa história que podem e é de crer que sejam patranhas, mas alguns dos quais também parece deixarem entrever uma sombra de tradição. Refiro-me principalmente ao período que decorre entre a queda do Império Romano ao princípio da monarquia e especialissimamente a umas famosas guerras entre os citanienses e os brácaros, estes e os portuenses, etc. Segundo tenho visto, Brito, a Academia dos Humildes e que tais fazem obra, o primeiro, sem dúvida nenhuma, pelo Laymundo, que eu nem sei em que tempos viveu. Você de certo conhece esta gente. Eu, além dos escritores romanos e dos incluídos na Biblioteca dos Santos Padres pouco mais conheço; mas é muito possível que os haja e que muita patranha contenha algum grão de verdade digno de ser aproveitado e estudado. Se tiver notícias disto, nas horas vagas, faça-me uma prelecção.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins

* * *

[24]

Guimarães
23/5/81

Meu amigo

Pelas trombetas da soalheira já sabia do acontecido, mas disseram-me ao mesmo tempo que não havia razões para crer num desenlace trágico. Oxalá que o sonhador não se engane com o futuro que fantasia. O pior que vejo em tudo isto é a idade dos dois namorados. Você sabe que longo tempo é preciso para ganhar juízo

Os deuses os ajudem.

O Berrance foi transferido para Damão. O homem não tem sido infeliz, à vista de outros que eu hei-de ver morrer como eternos postulantes. Muito obrigado pela parte que tomou neste negócio.

Eu conto ir para Briteiros no dia 8 de Junho. Se for para as Taipas, veremos se é capaz de ir ver as minhas velharias. Com um dia de sol encoberto e um qualquer burro, a coisa é extremamente fácil.

Até lá muita saúde.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins Sarmiento

* * *

[25]⁸

Meu amigo

O Avieno, como você sabe tão bem como eu, é do 4.º século; mas o documento, de que ele faz uso, nas *Ora Maritima*, segundo os melhores críticos, remonta talvez ao século 6.º **antes de Cristo**. Imagina-se a importância do papel, quanto à etnografia do Ocidente. Os ditos críticos têm a passagem que extractei e lhe mandei como uma intercalação, se não de Avieno, de qualquer outro intérprete do documento fenício. Para mim, às vezes, este trecho é mais que autêntico e é a jóia de todo o poema, a mais digna de apreço; e, se eu publicar alguma coisa a este respeito, como é possível, dadas certas circunstâncias, conto batê-los com as suas próprias armas. Porque, para alguns destes senhores, os lígures são duma raça e duma língua estreitamente aparentada com os celtas -os celtas são um povo relativamente moderno no ocidente - a antiga geografia fenícia não conhecia celtas, mas lígures no ocidente, e ainda no norte, no país do âmbar, e os gregos também por mediação dos fenícios pensavam a mesma coisa, como se infere do mito de Faetonte, das Heliades, do Cycnos, rei dos lígures, amigo e parente de Faetonte. Ora o documento de Avieno dá os lígures expulsos pelos celtas, precisamente das regiões do âmbar, enquanto que uma boa massa de lígures já aparece então no sul da Gália, na Hespânia, e talvez na África, entendendo-se sob o nome genérico de lígures uma turma de povos arianos, mas pré-celtas, com nomes particulares. Se o documento de Avieno é do século 6.º e ele dá a expulsão dos lígures do norte como efectuada **há muito tempo**, é curioso parece-me a mim, averiguar até onde seja possível, se neste texto se menciona a 1.ª aparição dos

⁸Sem data. Provavelmente de 1881.

celtas no norte e ocidente da Europa -e eu vou por aí. Os lígures fogem das margens do Báltico, pouco mais ou menos para o sul das Britânicas, onde existem Albiões e Hiernos, ou Hibernos -povos que eu entendo que pertencem ainda ao grupo dos chamados lígures das tradições fenícias.(Ainda se não falava em celtas, e já o Hércules Tírio, quer dizer os fenícios, eram combatidos por *Albion* Lígures, e outros). Em vez de tornar para as Britânicas, os celtas romperiam para o sul na sua enxurrada de bárbaros, e aí os temos às portas de Roma (gens nova, etc). A coisa , já se vê, precisa de ser meditada, mas tal tese tem a seu favor mais razões, do que parece à primeira vista. Lusitanos e galegos -e é esse o alvo do meu estudo- pertencem igualmente à camada ariana e précelta, aos lígures da geografia fenícia.

Ora aqui tem porque a inteligência do texto que sabe me interessa tanto.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins

* * *

[26]

Guimarães
5/2/82

Meu amigo

Li não sei em que jornal que você tinha mandado ao diabo a vida de escritor público. Não creio; o que creio é que deixou o romance e se embrenhou nos estudos históricos, pelos quais sempre teve predilecção. Se assim é, os deuses o protejam. Eu, se me não desse às velharias velhíssimas, havia de estudar a nossa sociedade desde que

começa a influência germânica etc. Mas não é bem para o massar com este palavreado que lhe escrevo esta carta. Vai já saber porque é.

Este janeiro, estive em Viana e vi a inscrição dos mareantes, que o Figueiredo da Guerra publicou no seu esboço histórico "*Vianna do Castello*", e que reproduziu agora do n.º 2 do "*Pero Gallego*". Já lhe mandei dizer que ele leu mal a inscrição, porque me parece muito evidente que, além da era e do monograma de Jesus, se diz: *Esta capela mandou fazer os mareantes*.

Mas não é aqui que está a dúvida. Abaixo da inscrição, aparece um brasão picado, e eu notei que em Viana há mais que um brasão picado. Alguém quis explicar-me o facto pela veneta de um corregedor que só poupou os brasões que tinham um proprietário bem legítimo; lembrou outro que é possível que algum dos brasões martelados fosse dos Távoras, porque havia Távoras em Viana.

Sim; mas que têm os Távoras ou os proprietários legítimos com o brasão da capela dos mareantes? Mas agora o monograma que aparece na inscrição não é jesuíta puro? Eu, chegando a este ponto, vejo um caminho a seguir, mas a minha ignorância nestas coisas não me permite que o siga. A capela seria dos jesuítas? Os jesuítas tinham também o mesmo brasão, e a mesma ordem que mandara picar os brasões dos Távoras, mandaria igualmente picar os dos jesuítas, depois da sua expulsão?

E, para terminar, Você sabe dizer-me a este respeito?

Diga-me também que está de saúde, que eu estimo isso infinitamente.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins Sarmiento

* * *

[27]

Âncora
6/9/82

Meu amigo

Muito obrigado pela sua carta, o João Gomes, muito, satisfeito por tudo e principalmente por ver a opinião dele confirmada pela sua, agradece duas vezes.

Estimo muito vê-lo por aqui, mas sem dissabores. No dia 10 tenho tenção de ir embrenhar-me pelo Soajo e pela Peneda; mas conto estar de volta no dia 15 ou 16. Creio porém que não vou encontrar-me com os selvagens, de costumes extraordinários, que me têm pintado. Todos aqueles selvagens, ou quase todos, têm residido em Lisboa 4 e 5 anos, segundo as últimas observações, porque a capital é o seu Brasil. Tudo se corrompe, resta saber se é de Lisboa que eles trouxeram a filosofia com que encaram a cornudagem. Pelos modos, o comunismo das mulheres tudo até à perfeição. Preciso ver para crer!

Muita saúde e creia-me

Seu amigo admirador obrigado.
F. Martins Sarmiento

* * *

[28]⁹

⁹Cartão, com o nome de Camilo impresso. Parece referir-se ao quinquagésimo aniversário de Sarmiento (Março de 1883).

Camilo Castelo Branco a felicitar pelos anos que hoje faz Francisco Martins e por mais 50 que há-de fazer, se a dura Parca (ou Porca?) de Braga lhe não cortar o fio.

* * *

[29]

Vizela
27/6/84

Caríssimo

Já na Póvoa, creio eu, lhe cantei as excelências da dosimetria. Estou persuadido que se daria bem com ela, se a aturasse com paciência. Ainda há pouco em Guimarães vi debelar uma formidável pneumonia em 4 dias: minha mulher teve aqui há dias uma febre bastante brutal e que ao 2º dia fugia sob a granizada dos grânulos. Experimente. Estou inteiramente persuadido que os seus padecimentos hão de minorar com grande desgosto dos meios-padres e outros. Recomendo-lhe o Freitas, de Ponte de Lima, que eu entendo que faz milagres verdadeiros.

A carta do Negrão parecer-me-ia caçoada, se não viesse por Seide. Na Citânia têm aparecido algumas moedas, não muitas, e nenhuma repetida. Veja lá se eu poderei ceder algum! Vasos! Inteiro apareceu um; tudo o mais são cacos e cacos. Se eles têm alguma ornamentação ou sinal, guardo-os; dos cacos sem marca alguma poderia dar uma canastra; mas não há ninguém que se atreva a fazer semelhante oferecimento, porque aquilo não presta para nada. Bem vê que estou no caso dos cacos com relação ao pedido do seu amigo.

O que estimo deveras é que reanime desse desalento em que se vai afundando cada vez mais e em que me parece que a imaginação trabalha muito.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins Sarmiento

* * *

[30]¹⁰

Vizela
6ª feira

Meu amigo

Estimava bem que viesse aqui, não para me ver, porque só o veria se soubesse ao certo o dia em que chegava (quase nunca paro em casa), mas para consultar o Freitas que não está em Ponte de Lima, mas aqui em Vizela. Já na última carta lhe dizia isto. A vir, bom é prevenir, porque o senhor dosimetrista, se não corre pelos montes, como eu, é obrigado a ir, quando menos o espera, a qualquer parte, aonde o chamam com as mãos erguidas. Eu na semana seguinte vou para o Marco de Canaveses ver umas velharias e demoro-me até à 5ª feira. Mas se o Camilo tiver pressa, escreva directamente ao Freitas dizendo-lhe o dia em que vem, que não são precisas mais cerimónias. Creio piamente que não perderá o tempo.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins Sarmiento

10Sem data; pelo assunto, vê-se que antecede a carta 31.

* * *

[31]

Póvoa de Varzim
27/8/84

Meu amigo

Há 3 dias que me deram a notícia de que v. estava aqui na Póvoa, onde também estou, desde o dia 10. Fui procurá-lo ao Luso e aí disseram-me que tinha já retirado, depois de alguns dias de demora.

E eu que cuidava que tinha chegado na véspera! Além de desejar vê-lo, queria perguntar-lhe pelo efeito do receituário do Freitas. Seguiu-o? E fez-lhe bem? Saí de Vizela sem saber a tal respeito. O doutor estava tão bem informado como eu. Ele teimava que o seu incómodo era um "esgotamento cerebral", que se curava com algum repouso mental e muito fósforo. Estou a ver que me deixa ficar mal o meu taumaturgo. Pelo menos, dê-me boas notícias, que as estimo deveras.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins Sarmento

[32] 11

Meu amigo

11Carta inédita. Foi escrita no dia da morte da mulher de Nuno Plácido Castelo Branco, filho de Camilo, ocorrida em 30 de Agosto de 1884.

Morreu hoje minha nora D. M.^a Isabel da Costa de Macedo. Daqui a pouco irá a filha, de ano e meio, tísica como a mãe que a amamentou. Meu filho também as seguirá. Aqui tem o meio em que hei-de regenerar de nervos. Do seu obrigado amigo.

Camilo Castelo Branco

30 de Agosto

* * *

[33]

Camilo Castelo Branco sente não poder ler, por falta de vista, os Argonautas. Se a readquirir, será o primeiro que leia.

* * *

[34]

Guimarães
10/10/87

Caríssimo

O amabilíssimo Moutinho mandou-me uma amostra do livro. Fizeram-me rir os dois retratos e ainda mais o título da obra, onde para descobrir a minha colaboração tive de recorrer a um microscópio. Eu cuidei que apenas os nossos artigos de arqueologia burlesca formariam a publicação. Assim o título poderia passar. Vistos os autos, deveria eu ter oposto embargos por intermédio de um advogado. Mas eu imaginava lá semelhante coisa! Agora o mal está feito, sem remédio, e vou vingar-me do público, que se ria de mim, soltando para a publicidade um calhamaço de perto de 300 páginas. de massada sobre as viagens dos Argonautas.

Seu muito amigo e obrigado
F. Martins Sarmiento

* * *

[35]

Meu amigo

Ninguém me dá contas de outro João Evangelista. Também me quis parecer que você estava equivocado, e ainda fui procurar a biografia do Garção no princípio do volume. Como porém o editor se dispensou desse trabalho (no exemplar que tenho, pelo menos, não há biografia; e só tenho uma edição) e tive preguiça de ir à livraria folhear outros tomos, não disse nada, na persuasão de que, havendo erro, você o descobriria, e também duvidando já um pouco da minha memória, graças à sua autoridade.

O certo é que ninguém conhece Evangelista mais antigo que o Morais Sarmiento.

Se o nosso Evangelista também fosse Morais Sarmiento, seria talvez preciso ir procurá-lo para Viana, de onde ouvi dizer que tinham vindo os Morais Sarmientos de Briteiros -valha a verdade; mas João Evangelista nu e cru só qualquer outro poetaço do tempo do Garção o poderá descobrir, porque o elogio mútuo não é tão de ontem como parece. Muita saúde.

Seu amigo e obrigado.
F. Martins Sarmiento

* * *

[36]

Meu amigo

Vi hoje o «Diário da Tarde». Pela minha parte agradeço-lhe com as 99 partes de exageração que você põe no elogio. O resto está excelente e estimei bem que se picasse o Brajona[?] no tumor que lhe há-de doer mais. Deus pague o auxílio que você deu a estes cruzados infelizes.

Estou a ver o que diz o Chardon da encomenda que lhe fiz. Falo da questão homem-mulher. Estes amigos livreiros deram agora em não responder. A Moré faz como a Chardon. Veremos o que ele manda e se faltar algum recorro ao seu oferecimento.

Pouco antes da sua carta, tinha-me o Sampaio dito que você há muito tinha retirado de Seide, por causa de uns incómodos.

Eu, se o vejo completamente bom, peso-me a cera, mas quando será isso?

Disponha de mim, como

Seu amigo e obrigado
F. Martins

* * *

[37]¹²

Meu amigo

Pedem-me do Porto que dê uns folhetins publicados em jornais ultimamente a fim de se fazer com eles um livrinho que será vendido em proveito da Creche. Parte desses escritos será os 3 artigos publicados no *Novidades* com o pseudónimo de *Fr. B. de Brito*. O 2.º e o 3.º destes artigos não seriam percebidos sem os 2 que você publicou, assinados *F. Fagundes*. Consente você que eles se publiquem juntamente? E, no caso afirmativo, poderia o livro ter este frontispício:

Francisco Martins Sarmiento
e
C. Castelo Branco
Óbolo para a creche. (?)

Ou prefere que se não diga quem é *F. Fagundes*? Em todo o caso, se você permitir a reimpressão, há-de rever as provas; porque os artigos têm erros tipográficos.

Boa saúde?
Eu, quase cego e paraplégico.

Do seu velho e grato amigo
Camilo Castelo Branco

* * *

12Nesta carta, de Maio de 1887, a caligrafia difere da das outras cartas de Camilo. Parece ter sido escrita por outra mão, certamente a de Ana Plácido.

[38]¹³

Meu prezado F. Martins.

Caímos em pessegada de alto lá com ela! O Moutinho tem feito uma bexiga com o livro que não há aí coisa que mais diga em matéria de espalhafatos. Afinal, o nosso livro, não passa de um modesto aranzel, um pouco *pochade* e outro pouco *charivari*. E isto com retratos! Eu contrariei a ideia teatral das veras efígies; mas o homem, à parte a caridosa intenção, é teimoso como um burro... literato, vá lá. Tem-me estafado com cartas; por não ter mais que pedir pede epígrafes. Que diabo! epígrafes para a creche! Estou a ver quando me pede uma colectânea de apotegmas. Já sei que lhe apanhou o retrato. Meti-o em boa tramóia, meu caro Martins. Agunte-se com a carga de glória eminente.

Do seu dedicado
Camilo

* * *

[39]¹⁴

Meu amigo

Também tenho estado em correspondência com o Cabrion e por sua causa. O pretexto da primeira carta foi pedir a minha intercessão para que você o dispensasse do encargo de ser o prefaciador do livro. Disse-lhe que de modo nenhum: o prefaciador de um livro para a Creche Tripeira, ou Moutinho ou Ninguém. Por descargo de consciência acrescentei que os artigos das Novidades não me pareciam muito

13Escrita, por volta de Setembro de 1887 (por Ana Plácido?).

14Anterior a Setembro de 1887.

próprios etc. A resposta foi pedir-me o retrato com a declaração de que já apanhara o seu. Está bom.

Quando o livro sair, estou em Âncora a caçar trutas, e, como lá não leio gazetas, não ouvirei a troça. O Fagundes verdadeiro vingá-se, mas não importa. Tenha você saúde e cace eu em Âncora muita truta, que de resto tudo vai bem.

Seu amigo muito obrigado.
F. Martins Sarmiento

* * *

[40]

Meu amigo

Ai os nossos retratos! Credo! Você parece um ferocíssimo salteador da Calábria; eu dou ares de um inválido brigadeiro das antigas milícias a expirar de sífilis cancerosa no hospital de Runa. Que autopses fará a posteridade nas carrancas do *Óbolo*! As crianças, a quem a esmola é feita, serão as primeiras a tremer de medo dos 2 benfeitores.

Todo livro, plasticamente falando, está irrisório. Ouvi ler os quilómetros de letras de Moutinho e fiquei hipnotizado para todo o Inverno. Pois toda aquela trapalhada de tarjas e figurinhas e figurões vai render quantia superior a 10 contos de réis que convertidos em escola de primeiras letras darão quinhentos patifes para a *Res Publica*. Eu, se soubesse que o óbolo era para fazer literatos, pedia o óbolo para mim, que já sou literato feito e desfeito.

Dou-lhe a triste nova de que estou quase cego. É a anemia dos olhos congénere da anemia geral. Faço ainda o sacrifício de ir a Lisboa, e sem esperanças, ouvir os especialistas. Se os de lá não souberem

mais que os do Porto, estou pronto. Eu bem queria poupar-me ao suicídio; mas desde os 18 anos que pressenti a necessidade dessa evasiva, sem me lembrar que a cegueira seria o impulsor da catástrofe.

Já não lerei o seu livro das 300 páginas. meu caro amigo.

Abraça-o afectuosamente
o seu muito grato
Camilo Castelo Branco

12/10/87

* * *

[41]¹⁵

Camilo Castelo Branco abraça o seu prezado amigo e despede-se.

CARTAS DE MARTINS SARMENTO PARA ANA PLÁCIDO

[42]

Guimarães
2/4/88

Ex.ma Snra.

15Cartão, com o nome de Camilo impresso.

Logo que vi nos jornais a notícia do casamento de V.Exas. enviei o meu bilhete de cumprimentos ao Camilo, para o Porto, onde supus que V.Exas. estavam. Sentiria muito que se extrviasse e sinto necessidade de dizer a V.Exa. que cumpri com este dever por meio de um seco bilhete, porque não sei o que hei-de escrever ao Camilo no estado, em que ele deve achar-se.

Mas creia V.Exa. que o acompanho sempre de longe nos seus martírios e que a mais grata notícia que hoje me podiam dar era a do seu restabelecimento. Se para alguma coisa prestar, disponha V.Exa. de mim com a máxima franqueza.

De V.Exa
muito atento e respeitador
F. Martins Sarmento

* * *

[43]

Ex.ma Snra.

A notícia embruteceu-me. Nada posso dizer, se não que estou ao dispor de V.Exa., se para alguma coisa lhe prestar.

De V.Exa.
atento e obrigado.
F. Martins Sarmento